
Um brinquedo chamado natureza: surpresa, encantamentos e descobertas na creche

Viviane Graciele de Araujo Valerio¹
<https://orcid.org/0000-0002-2715-9746>

Marta Regina Paulo da Silva²
<https://orcid.org/0000-0002-8574-760X>

Camila Lopes de Souza³
<https://orcid.org/0000-0001-8443-7645>

Resumo

Este relato de experiência compartilha o trabalho realizado em uma creche municipal da região do ABC Paulista que vislumbrou o brincar na natureza e com ela como potencializador de vivências e descobertas com o corpo por meio dos diferentes sentidos. Para tanto, foi desenvolvido um projeto compartilhado com as famílias com o objetivo de organizar contextos que favorecessem as experiências de crianças de 3 anos com a natureza. O referencial teórico dialogou com os estudos de Léa Tiriba, Jorge Larrosa e Gandhi Piorski, entre outros. Como resultados, observou-se que a criança, quando acolhida em suas necessidades e indagações, assume seu protagonismo, transforma e amplia os conhecimentos de si e do mundo no qual convive, construindo dessa forma sua identidade.

Palavras-chave: Creche; Brincar; Natureza; Infância.

A toy called nature: surprise, enchantments and discoveries at the day care center

Abstract

This experience report shares the work carried out in a municipal day care center in the ABC Paulista region that envisioned playing in nature and with it as a potentiator of experiences and discoveries with the body through the different senses. To this end, a project shared with families was developed with the aim of organizing contexts that favored the experiences of 3-year-old children with nature. The theoretical framework dialogued with the studies of Léa Tiriba, Jorge Larrosa, Gandhi Piorski, among others. As a result, it was observed that the child, when welcomed in their needs and inquiries, assumes the leading role, transforms and expands their knowledge of themselves and the world in which they live, thus building their identity.

Keywords: Day care; To play; Nature; Childhood.

Introdução

Este trabalho surgiu a partir de um olhar atento para as crianças pequenas e uma escuta sensível das suas preferências e do seu encantamento pelos ambientes naturais – como cenário

¹ Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, vivianegracieledearaujo@yahoo.com.br.

² Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, martarps@uol.com.br.

³ Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, mimis_ef@yahoo.com.br.

principal para suas vivências, interações, explorações, investigações, brincadeiras e aprendizagens –, impressões que elas frequentemente nos comunicam por meio de suas diferentes linguagens, da mesma forma que demonstram sua insatisfação e rebeldia às rotinas rígidas e aos ambientes fechados, aos quais muitas vezes são submetidas no período em que permanecem na creche.

Quando interpretamos os olhares curiosos, sorrisos e expressões de alegria dos meninos e das meninas, fica evidente que, se para muitos adultos e adultas o lugar perfeito para aprender é a sala de aula, para as crianças, essas com as quais convivemos, a natureza é eleita como o melhor lugar da creche. Isso porque a natureza possibilita momentos de liberdade e alegria – nos quais o brincar e as interações acontecem de forma plena, prazerosa e significativa –, fortalece e encoraja as crianças a viverem experiências que desenvolvam suas potências, para que avancem cada vez mais no conhecimento de si, do(a) outro(a) e do mundo. Nas palavras de Tiriba (2018, p. 36), “[...] o bom encontro existe quando entramos em contato, quando vivemos um encontro com algo ou alguém que aumenta a nossa potência, nos fortalece; e o mau existe quando esse encontro nos fragiliza, entristece, decompõe, despotencializa”. Sendo assim, cabe perguntar: como a educação infantil pode ser terreno fértil para vivências de bons encontros?

Instigadas por esse questionamento, verificamos na rotina escolar quais encontros geram alegrias, a fim de potencializar a sua existência, e quais são “maus” – que fazem as crianças sofrerem, que enfraquecem, fragilizam. Nossas observações e reflexões mostraram que, para a criança, o brincar livre e as interações com os amigos e as amigas na natureza e com ela é um bom encontro, por ser o brincar sua expressão e sua linguagem universal, e quando estão inteiras nessa ação, terminam, muitas vezes, por contagiar os adultos e as adultas, pois irradiam alegria e felicidade.

Para serem afetados e afetadas pela leitura de mundo das crianças, por seus desejos e interesses, os adultos e as adultas precisam acolhê-las, escutá-las e respeitá-las em sua alteridade, respeitar suas vozes, o que vai muito além da fala, pois as crianças se expressam por meio de múltiplas formas de expressão, como pintura, desenho, sorrisos, gestos, choro, silêncio etc. Precisam inquietar-se, de modo a refletir e transformar sua prática educativa na

perspectiva de uma educação que faça sentido para as meninas e os meninos que se encontram em período integral na creche, e construir contextos que oportunizem bons encontros entre as crianças e dessas com os adultos e as adultas.

Na creche, uma rotina em que sejam habituais as atividades ao ar livre – como banhos de chuva e de mangueira; brincadeiras com terra, areia, lama, água, argila e tintas naturais; histórias e atividades embaixo das árvores; almoços, lanches e descanso na natureza, ao som dos pássaros; laboratório ao vivo com contato direto e real com formigas, minhocas, borboletas, tatus-bolas, lagartas e besouros, para observar e acompanhar o desenvolvimento desses animais – possibilita perceber e sentir as diferenças e as transformações da natureza nas diferentes estações do ano, descobrir seus ciclos, sua beleza e seus ritmos: é um encontro sensível e muito importante para a criança, o que vai na contramão do “emparedamento” da infância (TIRIBA, 2018, p. 17).

Tiriba (2018, p. 17) cunhou o termo “emparedar” para “[...] designar a ação de manter as crianças entre paredes [...] e também para expressar a condição de emparedamento a que estão submetidas” nas instituições de educação infantil, em espaços fechados e sem janelas por longos períodos, submetidas a rotinas que não acolhem e não respeitam suas vontades, inquietações e indagações. Emparedadas as crianças vão sendo adormecidas em suas curiosidades.

Em algumas instituições de educação infantil, a espontaneidade, as interações, as explorações e as brincadeiras muitas vezes não são bem-vindas, e são interpretadas pelos adultos e adultas como desordem, bagunça ou indisciplina, pois acreditam que a criança aprende melhor com o corpo parado e a mente atenta. Nessas instituições, a escola não é vista como lugar de alegria, afetividade e bons encontros, como mostra Tiriba (2018), assim, não acolhem, não valorizam e não respeitam as curiosidades e os desejos da criança; ao contrário, são espaços com organizações rígidas e atividades quase sempre em locais fechados, e é o educador ou a educadora quem escolhe, organiza e planeja o que, quando e como a criança irá aprender, porém não considera as vozes dos meninos e das meninas, não reconhece o brincar como direito, potência, e tampouco algo que é próprio da infância – sua principal atividade.

De acordo com Tiriba (2018), a nossa concepção colonizada de educação está voltada

para processos de transmissão e apropriação de conhecimento via razão, o que necessita de mentes atentas e corpos parados, por isso, pouca importância é concedida ao brincar – ao bom encontro que potencializa – e às atividades nos espaços externos. Isso leva, muitas vezes, as crianças dentro das instituições a resistirem bravamente em sua “indisciplina” diante desse processo de educação.

Reconhecer que as crianças leem e pronunciam o mundo desde bem pequenas é um desafio em uma sociedade que quase sempre quer enquadrá-las, que não reconhece a importância e a necessidade de escutá-las. A relação entre professor(a) e crianças precisa ser horizontal, visto ser o(a) docente um(a) mediador(a), um(a) provocador(a), por isso é necessário escutar e acolher as necessidades e os interesses das crianças – que são ávidas em descobrir e pronunciar esse mundo que as cerca –, encorajá-las a ousar nesse impulso que as atrai em direção ao desconhecido, pois

o professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que “ele se ponha no seu lugar” ao mais tênue sinal de rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento do seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (FREIRE, 2008, p. 60).

Freire (2008) mostra como é importante o olhar de respeito à curiosidade do educando e da educanda, o acolhimento às suas dúvidas, inseguranças, e a importância da aprovação do educador e da educadora às conquistas diárias das crianças em situações do cotidiano, porque isso favorece a construção de sua autoestima, e torna-as cada vez mais seguras de si. O intuito é de uma parceria por meio da confiança e do respeito mútuo, uma vez que elas querem e devem aprender e crescer juntas, como seres humanos, construindo uma sociedade mais justa e solidária.

Nessa perspectiva, o trabalho que aqui compartilhamos teve como foco o brincar na natureza e com ela como potencializador de aprendizagens significativas e prazerosas. O objetivo foi propiciar às crianças pequenas, de 3 anos, espaços que favorecessem suas

experiências por meio de bons encontros, em um ambiente de confiança e segurança, o que as encoraja a avançarem em suas potências. As atividades desenvolveram-se a partir da escuta sensível e de um olhar atento, ou seja, que acolhe os interesses das crianças e respeita suas escolhas, considera suas intervenções criativas e acredita em uma aprendizagem de corpo inteiro. Assim, a natureza surge como um espaço rico em interações e possibilidades para conhecerem a si mesmas, o(a) outro(a) e o mundo no qual estão inseridas, para viverem os bons encontros que as potencializam, fortalecem e alegram.

O brincar na natureza e com ela: aprender em meio a encontros que geram alegria

Como dar forças aos encontros que geram alegria? Uma resposta possível é: acreditando nos desejos das crianças, apostando em sua capacidade de escolha (TIRIBA, 2018, p. 36).

No início do ano letivo, escutamos as crianças em suas vontades, desejos e interesses dentro da creche, o que culminou com a elaboração do projeto “Um brinquedo chamado natureza”, que firmou nosso compromisso em dar visibilidade às vozes infantis, com a participação das crianças nas escolhas, nas decisões e no desenvolvimento das atividades durante o ano, conscientes de que, ao escutá-las, aprendemos a falar com elas (FREIRE, 2008), pois a escuta nunca é autoritária, nunca é uma imposição; a escuta é a aceitação e o respeito às diferenças, é uma atitude.

Estar do lado de fora, livre, brincando e em contato com a natureza, era o principal desejo das crianças. Para isso, foi preciso enxergar para além das paredes de concreto das salas referências, dando visibilidade às vozes dos meninos e das meninas e ao seu protagonismo no processo educativo. Foi preciso também considerar que eles e elas aprendem efetivamente por meio das brincadeiras e das interações (BRASIL, 2010), que as vivências na natureza e com ela possibilitam um encontro com nós mesmos(as) e, ao convivermos com esse mundo natural, despertamos a sensibilidade para amar o mundo vivo do qual fazemos parte, nessa grande teia da vida, como afirma Capra (2004).

No início do projeto, na primeira reunião com as famílias, apresentamos a proposta e

discutimos com elas e com a comunidade escolar pontos que entendíamos ser motivo de preocupação delas e deles. Um desses pontos foi a necessidade de ressignificar o que é, por exemplo, a sujeira, e esclarecer que terra, areia, argila, folhas, gravetos, pedras, sementes, plantas, pinhas etc. não são sujeira, são a própria natureza, no seu estado mais puro.

Dessa forma, ao dialogarmos com as famílias sobre como as crianças estão afastadas dos ambientes naturais e mais ligadas ao mundo tecnológico e eletrônico, vivendo cada vez mais em um mundo virtual e não natural, questionamos quais os motivos desse afastamento. Pais e mães pontuaram a falta de tempo; a preocupação com a higiene do corpo e contaminação das areias e terras dos parques; os ambientes abertos, que dizem ser frios e que por isso poderiam trazer doenças às crianças pequenas; os riscos que alguns elementos como árvores, raízes grossas, morros altos e escorregadios podem oferecer às crianças; e, ainda, questões como segurança nos espaços públicos.

Louv (2016), em seu livro *A última criança na natureza*, revela como é benéfica a interação, o contato da criança com a natureza para seu desenvolvimento físico e emocional. Desse modo, estar em um ambiente natural e expressar-se com autonomia e segurança, fazer uso das diferentes linguagens infantis, realizar suas descobertas dia a dia e desenvolver-se de forma plena, saudável e feliz é tudo de que as crianças precisam.

Contudo, Louv (2016) denuncia o distanciamento entre as crianças e o mundo natural, e como as experiências longe da natureza estão esvaziadas de sentido, uma vez que se perde a habilidade de vivenciar o mundo diretamente – ver, tocar, cheirar, ouvir e respeitar todas as formas de vida, e descobrir a origem de tudo. Já em ambientes naturais há uma explosão dos sentidos, pois neles são potencializados os estímulos e as experiências sensoriais: os cheiros, os sons, as imagens, os sabores e as texturas, visto que meninos e meninas gostam de se lambuzar e se misturar com aquilo que brincam.

Após esse diálogo com as famílias e a comunidade estabelecemos as etapas do projeto. Mostramos a importância de estar em ambiente natural, no qual o corpo é vivido em sua inteireza, e que não se pode apenas discursar sobre a natureza, é preciso senti-la, tocá-la e vivê-la com todos os sentidos. Ressaltamos também que estar na natureza pode ser um grande desafio para as crianças pequenas, uma vez que viver a natureza de corpo inteiro significa estar

com os pés no chão o tempo todo, sentir e brincar com a terra, a lama, a grama, a areia, as pedrinhas, os gravetos, as pinhas, o vento, a água, o fogo etc.

Iniciamos esse projeto com as crianças em um dia em que o sol brilhou logo cedo: todas com os pés em contato com a terra, exploravam com as mãos, pés, pernas, braços, enfim todo o corpo, variadas posições: deitadas, sentadas, em pé, agachadas e rolando. Aos poucos, meninos e meninas foram se acostumando com as sensações e se familiarizando com os espaços naturais, reconhecendo-os como seu ambiente de pertencimento, religando-se com a natureza, explorando, investigando, descobrindo e encantando-se com o mundo ao redor.

Figura 1 – Brincando e encantando-se com a natureza



Fonte: acervo da primeira autora (VALERIO, 2021)

Livres no parque em meio à natureza, as crianças corriam com os braços abertos, exploravam minuciosamente cada espaço com pulsações de vida e alegria, o que nos provocava a pensar que nasceram para ser livres, como os pássaros que voavam e comungavam com elas naquele mesmo tempo e espaço, único e mágico, em total sintonia. Uma criança relatou: “[...]quando eu corro bem rápido e pulo com os braços abertos eu voo porque os meus pés saem do chão e eu sinto o ar, só não consigo ir tão alto como os pássaros”.

Em defesa desse contato com a natureza, Tiriba (2018) pontua a importância de atividades realizadas nesses espaços naturais – longe dos ambientes fechados com iluminação

e temperatura controladas artificialmente. Atividades que vão muito além de uma preocupação tão somente cognitivista, que englobam também aspectos como percepções, sensações e sentimentos, entre outros. Para a autora,

se as funções das professoras se restringem fundamentalmente às salas, fica excluído de seu universo de atuação o conjunto de percepções e aprendizagens que as crianças realizam nos espaços externos. Ficam secundarizadas as aprendizagens relacionadas ao contato com a natureza, que vão além do cognitivo, que abrangem sensações, sentimentos, valores, enfim, outras dimensões do humano (TIRIBA, 2018, p. 106).

Nesse contato com a natureza, algumas crianças, ao longo do projeto, deitavam em diferentes momentos do dia para observar o céu com suas nuances de cores e as formas diversas das nuvens e diziam: “[...] *de manhã o céu é mais claro e brilhante, agora a tarde já é mais escuro e mais frio*”; ou “[...] *deitar na grama e ver as nuvens passar às vezes rápida e às vezes devagar dá sono e vontade de dormir um pouco*”. Outras, deitadas no chão embaixo de árvores, com olhar atento no céu e no vento fraco, observavam o balanço das folhas e a leveza com que caíam no chão sem fazer barulho, silenciosas, parecendo dançar no ar. Algumas se levantavam e corriam para pegá-las.

Figura 2 – A natureza inspira e acolhe



Fonte: acervo da primeira autora (VALERIO, 2021)

Nos meses do outono, em que as folhas secam e caem, praticamente todas as crianças gostam de recolher folhas secas e brincar de chuva de folhas, como nos relatou uma menina:

“[...] *na chuva de folhas, quando eu fecho os olhos e meus amigos jogam as folhas em mim eu sinto elas na minha cabeça e no meu corpo sem ver, porque não pode abrir os olhos senão cai areia ou terra*”. Elas também gostam de recolher as folhas secas e brincar de ser enterradas com elas, e dizem que se trata de “*brincar de morrer*”. Em um desses dias, um menino comentou: “[...] *eu gosto quando eu deito no chão e meus amigos colocam muitas folhas em cima de mim, assim eu fico bem quietinho e brinco de morrer, mas depois eu volto*”. Já no mês de agosto, quando as rajadas de vento são mais fortes, as crianças brincam enquanto muitas folhas caem rapidamente das árvores e com mais força. Então elas gritam com os braços abertos: “*chuva de folhas*”.

“Casinha” é a brincadeira preferida da maioria das meninas, assim, elas procuravam um refúgio em um lugar mais distante e silencioso, em meio às raízes grossas das árvores, para construir suas casas, e encontravam folhas grandes pelo parque para o telhado e as portas. Algumas solicitavam tecidos para finalizar as suas moradias, e alertavam: “[...] *isso não é uma casa, é uma cabana, porque não tem porta, só o tecido*”. Outras crianças que corriam e exploravam o parque em meio à natureza, com o corpo ereto e cheias de valentia, recolhiam os gravetos e as pedras maiores para serem suas armas e anunciavam alto apontando os gravetos: “*Vamos capturar o monstro gigante! Ele está escondido ali atrás daquela árvore grande*”.

Organizamos contextos com esteiras no chão e brincamos de massagem – com toques sutis pelo corpo, utilizando as mãos, folhas, gravetos, água, flores –, momento em que as crianças se entregavam ao relaxamento corporal, até pareciam dormir de tão relaxadas. Algumas ficavam por um longo período entregues às sensações de prazer que a massagem proporcionava, outras deitavam e rapidamente levantavam correndo para brincar e logo estavam novamente deitadas para a massagem, como se essa, mesmo que rápida, fosse o combustível para novas brincadeiras. Uma delas assim explicou suas sensações: “[...] *eu não gosto da massagem com a pinha e nem com o graveto que é duro, gosto com folhas e flores que são moles, mas o que eu mais gosto é com água que é bem molhada*”.

Muitas histórias foram contadas embaixo das árvores, ao som dos pássaros e na companhia de amigos e amigas que também habitam o planeta Terra: formigas, joaninhas, lagartas, minhocas e borboletas. As histórias em meio à natureza sugerem um encantamento

maior, pois o cenário natural – céu, sol, nuvens, árvores, terra, gramas, vento – é propício para qualquer enredo e personagens.

Para outras atividades, como a pintura, utilizamos elementos como terra, areia, açafreão, amoras, beterrabas, abacates de uma árvore, folhas verdes escuras, pétalas de flores e urucum. As crianças pareciam pequenas alquimistas: faziam suas misturas, esmagavam os elementos nos pilões de madeira e acrescentavam água aos poucos. Assim descobriam as cores vibrantes da natureza com suas texturas e aromas, deixavam suas marcas pessoais nos papéis e nos plásticos com os quais encapamos os troncos das árvores, nas folhas, nas pinhas, nas pedras e nos gravetos. Algumas diziam: “[...] *esses papéis em volta das árvores são as roupinhas delas*”.

Para modelar, utilizamos terra com água, areia com água e argila com água, acrescentamos sementes, pequenas pedrinhas, folhas e flores diversas, e exploramos essas misturas em objetos e pelo corpo, para sentir as texturas na pele, uma vez que as crianças gostam de se misturar com o que brincam e exploram. Segundo Piorski (2016, p. 63),

o interesse da criança por formas, sons, gestos, afazeres, cores, sabores, texturas, assim como suas perguntas sem fim, sua vontade de tudo agarrar e examinar, e seu amor às miniaturas que comportam o grande em menor tamanho, pode ser traduzido por um desejo de se intimar com a vida. Esse desejo embrenha a criança nas coisas existentes. É um intimar para conhecer, pertencer, fazer parte, estar junto daquilo que a constitui como pessoa.

Para desenhar, escrever ou deixar marcas, usamos gravetos diversos, e como suporte gráfico para as criações das crianças, terra, areia e argila; confeccionamos, ainda, pincéis com gravetos, folhas de árvore, caules flexíveis e barbante.

Na horta, preparamos a terra com carinho para receber as sementes e fizemos uma plantação de rabanete, alface, rúcula, cenoura e tomate-cereja, que as crianças cultivavam dia a dia, regavam com frequência, mexiam na terra, observavam e registravam o seu crescimento e transformação por meio de fotos e desenhos, até o dia da colheita para o almoço.

Foram pensadas também propostas que envolviam a experiência com o elemento fogo, na qual meninos e meninas ajudaram a procurar e recolher gravetos e construir uma fogueira. Com essa experiência foi possível afirmar como a contemplação do belo está praticamente

ausente da vida das nossas crianças, que ficaram encantadas por horas com as cores e o movimento das danças das chamas, os estalos dos gravetos queimando, a cor forte e vermelha da brasa, o cheiro do fogo e o aquecimento que ele provoca ao aproximarmos nossos corpos. Uma criança nos disse: “[...] *a fumaça da fogueira atrapalha minha garganta, mas eu adoro olhar pra ela, de tão linda e quentinha que ela é*”.

Figura 3 – Dança das chamas



Fonte: acervo da primeira autora (VALERIO, 2021)

Meninos e meninas também observaram e constataram no fogão da cozinha da creche a magia que existe na transformação que o fogo, com o seu calor, opera nos alimentos – uns derretem e outros endurecem. Como exemplo, vimos que o ovo e a batata, que são servidos no almoço, quando colocados em água fervente por alguns minutos, endurecem; já o chocolate em barra, com o qual fazemos o brigadeiro, derrete com o calor do fogo; e o macarrão, servido na quinta-feira, é bem duro quando está cru, e na água fervente amolece. As crianças, com o olhar fixo, atento a tudo, comunicam que “*não dá para comer o macarrão cru, é duro, ruim, e quebra os dentes; já no fogo ele fica macio*”. Nas palavras de Piorski (2016, p. 133): “Quantos de nós, vivendo dias de festa na casa de nossa infância, consegue [*sic*] se lembrar da cozinha como um espaço de grande alegria pela integração dos cheiros e sabores e um lugar de trabalho ativo e incessante da transformação dos alimentos?”

Manuseamos e brincamos com velas de diversos tamanhos, espessuras, formatos e cores, pingamos as parafinas em uma bacia com água e observamos os desenhos coloridos que

se formavam. Realizamos atividades nas quais foi preciso observar a direção do vento e sua intensidade: brincamos com bolhas de sabão, aviões de papel, fizemos um varal com barbantes de uma árvore à outra e penduramos sacolas, jornais, tecidos, fitas, CD e meias-calças cheias de jornais amassados dentro, fazendo de conta que eram “*pernas dançantes*”, como diziam as crianças.

Solicitamos a participação das famílias, que coletassem elementos da natureza com as crianças no percurso de casa até a creche, para socializarmos nas rodas de conversa, em que meninos e meninas contavam o que mais os tinha encantado na natureza. Confeccionamos brinquedos com vários elementos: chocalhos, com gravetos, barbantes, botões e guizos; bonecas, com gravetos e barbantes; cabanas, com muitos gravetos, barbantes e folhas grandes para fazer o teto; mandalas, com pedras, sementes, folhas diversas e flores; pulseiras e anéis com ramos de flores finos; enfeites para decorar o cabelo com as flores e folhas recolhidas do chão; e unhas postiças com pétalas de flores.

Disponibilizamos instrumentos como lupas, binóculos e lanternas para as explorações e investigações ficarem mais sugestivas e para que as crianças obtivessem maiores informações (clareza, aumento de tamanho, distância etc.) às suas indagações. Trouxemos para esse espaço utensílios de cozinha, como panelas grandes e colheres de pau, para as brincadeiras ficarem mais criativas, priorizamos materiais como metais, madeira e tecidos naturais, em contraposição ao brinquedo de plástico industrializado, o que permitiu a exploração de todos os sentidos da criança.

Figura 4 – Território brincante



Fonte: acervo da primeira autora (VALERIO, 2021)

Com as panelas de cozinha brincamos de “comidinha”, e cada criança escolhia os ingredientes – sementes, gravetos, folhas, flores, água, terra, areia – para o preparo e decoração de sua culinária, e sempre diziam que “[...] *cozinhar com terra, areia e água é muito legal, pois quando colocamos muita terra vira bolo e quando colocamos muita água vira sopa*”. Também fizemos águas perfumadas: deixamos as flores, plantas, sementes e ervas nas panelas com água de um dia para o outro para percebermos os aromas e a coloração e a textura das águas.

Figura 5 – Aprendendo na natureza e com ela



Fonte: acervo da primeira autora (VALERIO, 2021)

Fizemos buracos na terra com as pás e enterramos alguns elementos: conchas do mar, pedras coloridas, folhas, flores, pinhas e gravetos, e no dia seguinte observamos as

transformações que aconteceram. Observando desde pequenas a inércia e a resistência dos minerais, as crianças relatavam que *“as pedras continuam iguais (duras), já as flores e folhas murcharam”*. Enchemos as panelas com água de chuva e misturamos elementos da natureza, colocando-as posteriormente no congelador, de modo a observar a transformação da água em outros estados (líquido para sólido).

Proporcionamos momentos de refeições ao ar livre e embaixo de árvores, onde organizamos vários almoços e muitos piqueniques com o lanche da tarde na grama do parque. As crianças comentavam que *“é mais gostoso comer na natureza, pois nós vemos o céu e ouvimos os pássaros”*.

Nos dias ensolarados e de muito calor, para refrescar, contamos com banhos de mangueira, de chuva, em bacias grandes, de piscina, banhos em bonecas, carrinhos e ursinhos e banhos por meio de guerras de bexigas com água e tintas coloridas. Algumas crianças relatavam que *“[...] pular nas poças de água e tomar banho de chuva é o que me deixa mais feliz”*. Assim que o sol começava a secar as poças de água que a chuva formava no chão, as crianças perguntavam: *“É o sol que está bebendo a água?”*.

Figura 6 – Banhos de chuva



Fonte: acervo da primeira autora (VALERIO, 2021)

Realizamos oficinas e feiras com as famílias e a comunidade para a troca de livros

infantis e brinquedos entre as crianças, e contribuímos assim para a redução de consumo. Nas férias propusemos uma semana de desafios com as famílias, para uma conexão das crianças e das famílias com a natureza, quando deveriam observar o céu à noite, pisar na grama, abraçar uma árvore, regar uma planta, brincar na chuva, deixar o carro na garagem e fazer uma caminhada ao mercado, padaria ou lojas, observando a natureza ao redor e as diferentes cores do céu durante o dia. Também as incentivamos a conhecer com as crianças todos os parques e praças da cidade.

No trabalho desenvolvido com as crianças, elas apontaram indícios de sensibilidade, encantamento e respeito pela natureza, por si próprias e pelos amigos e amigas da creche, com atitudes como, por exemplo: *“Não pode matar o bichinho da natureza, pois tudo que existe, faz parte do nosso planeta”*; *“[...] não pode desperdiçar a água da torneira, coitada dela, ela também é um ser natural”*; *“[...] a plantinha e a flor respiram o mesmo ar que nós”*; *“[...] professora, eu acho que a árvore tem coração como nós, porque quando eu abraço ela eu escuto um barulho”*; e *“[...] quando eu deito na raiz da árvore e converso com ela parece que ela conversa comigo”*.

As crianças saíram transformadas diante das experiências que esse projeto lhes proporcionou. Para dialogar e refletir sobre essa prática que tanto encantou, tocou e modificou os(as) participantes envolvidos(as) nessa trama, recorremos ao conceito de experiência proposto por Bondía (2002), que denuncia a sociedade da informação em que vivemos, um mundo de excessos de informações e opiniões, onde a experiência é cada vez mais rara. Tais excessos não deixam lugar para a experiência, que é compreendida como *“[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”* (BONDÍA, 2002, p. 21). Nesse sentido, a experiência, como algo raro nos dias de hoje, é o que nos toca, modifica e transforma o nosso ser.

É preciso um gesto de ruptura frente a esses excessos e à falta de tempo provocada por essa sociedade (BONDÍA, 2002). A criança precisa de espaço e tempo para o encantamento, a sensibilidade e a alegria; para ser tocada e afetada pelas coisas do mundo, a ponto de transformá-lo. Concordamos com o poeta Manoel de Barros *“que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem balanças e nem barômetro. Que a importância de uma coisa*

há de ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós” (BARROS, 2006, [s.p]).

Assim, firmamos que a criança constrói sentidos a partir das interações que estabelece com o mundo que a cerca e encanta, que a toca e afeta. No projeto que aqui apresentamos, as interações com a natureza e seus elementos aconteceram por meio da exploração de suas características e do seu poder de criação e transformação no mundo. As crianças, entre tantas outras criações, atribuíram significados particulares a cada elemento, o que possibilitou, por exemplo, que gravetos virassem microfones, espadas, varas de pescar, varinha de condão, colher de pau, cavalinhos para montaria e ferramentas para desenhar e escrever na terra e areia; as folhas, de diferentes tamanhos e formatos, viravam pratinhos, panelinhas, copos para encher de água e beber; as folhas grandes transformaram-se em barcos, carros e aviões nos quais as crianças conseguiam entrar.

Considerações finais

Brincar livre e espontaneamente na natureza e com ela é um “bom encontro”, e pode ser uma experiência que potencialize a criança e a ajude a revelar-se, ou seja, a ser quem ela é, de forma singular no mundo: expressar-se por meio de suas diferentes e múltiplas linguagens, observar e investigar objetos e elementos naturais, interagir e explorar o seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas indagações, com cada vez mais autonomia e confiança. Cabe ao educador e à educadora assumir um olhar acolhedor e de comunhão com as conquistas das crianças.

O prazer, a alegria, o encantamento e o entusiasmo das crianças ao longo de todo o trabalho reafirmaram em nós a visão de como elas estão abertas ao mundo e, nesse sentido, vivem a experiência da qual saem transformadas. Constatamos o quanto são curiosas e exímias investigadoras. A todo momento elas questionavam tudo ao seu redor – reviravam de todos os lados e jeitos, criavam e recriavam, sempre afirmando: “[...] *deixa eu ver com as minhas mãos, professora*”, o que demonstrava que precisavam “ver” com todos os sentidos: tocavam, cheiravam, escutavam e, às vezes, provavam para sentir o gosto, para que, enfim, a aprendizagem se efetivasse.

Nesse sentido, tornaram-se íntimas da natureza, e exercitaram a espontaneidade, a imaginação, a fantasia e a criatividade. Em suas brincadeiras puderam ser o que e quem quiseram ser, libertaram-se das amarras das salas de aulas desse sistema de ensino ainda colonizado – ao passarem a maior parte do tempo em que estavam na creche nos espaços externos, viveram, interagiram e aprenderam com a natureza, brincaram com os quatro elementos: água, terra, fogo e ar em sua movimentação. Como esclarece Piorski (2016, p. 117),

[...] em cada um dos quatro elementos, as imagens, na brincadeira criam narrativas diferentes, enredam o viver por aspectos diversos. A vida social, material, cultural ganha sempre a largura e a suspensão do ar, a fluência e a sinergia da água, a iluminura e a têmpera do fogo, a gravidade e o peso da terra.

Assim, as crianças foram, como pontua Cornell (2008), aprendendo que devemos abrir nossos corações para a natureza e construir uma verdadeira amizade, pois, querendo ou não, compartilhamos o ar, a água e a terra deste planeta com todos os seres vivos. Afinal, estar diante da natureza é estar diante de um cenário vivo, que se modifica diariamente: o céu, a terra, o ar etc. – desse modo, a leitura de mundo feita pelas crianças é diferente a cada dia, pois a natureza, assim como nós, está em constante transformação.

O que fica de mais significativo é que, quanto mais se conhecem diferentes seres vivos e demais elementos naturais, mais se conhece sobre si mesmo(a), porque o encontro com a natureza é um encontro com a nossa essência e, portanto, é preciso aceitar e respeitar as diferenças, porque a natureza nos mostra, em tempo integral, que as folhas nunca são idênticas, nem na simetria, nas cores, nas texturas ou nos tamanhos, tampouco as pedras, as flores, as árvores, as raízes e os gravetos – é a unidade na diversidade.

Para Louv (2016), a natureza tornou-se algo abstrato, longe do ser humano, algo a ser observado, consumido e ignorado por essa nova geração que tem seus sentidos eletrificados e restringidos, o que causa uma redução da riqueza das experiências humanas por falta de contato com os ambientes naturais. Precisamos dos nossos sentidos ativados para nos sentirmos plenamente vivos, e a natureza nos oferece isso, ela ativa os nossos sentidos. As experiências vividas e sentidas precisam ser valorizadas, inclusive nas creches.

A infância é um período essencial para construir um vínculo de respeito, cuidado, proteção e amor com a natureza e todos os seres vivos, porque só cuidamos – e conservamos – daquilo que amamos. Assim, devemos respeitar todas as formas de vida. Faria (*apud* ARAÚJO, 2015, p. 10), em uma palestra, conta a história de um livro que narra “[...] a experiência de um caçador de onças, que de tanto conviver e estudar o comportamento das onças, ele não consegue mais matá-las. A sua proximidade o fez tornar-se onça e assim não pode mais matar o que agora é parte dele mesmo”.

Quando convivemos com algo ficamos íntimos dele e passamos a ser esse algo. Nesse sentido, desejamos com este trabalho que as crianças convivam cada vez mais com a natureza e sejam íntimas dela, que se reconheçam como parte dela e, sendo assim, que nunca a destruam. Romper com as paredes físicas das salas de aula é de extrema importância, mas isso só será possível se derrubarmos outras paredes que aprisionam as crianças, como, por exemplo, currículos descontextualizados e sem sentido que levam a práticas bancárias (FREIRE, 2003), a negação das vozes infantis e a visão adultocêntrica e grafocêntrica que ainda marca a maioria das instituições de educação infantil, entre outras.

Creches, pré-escolas, escolas e universidades devem ser lugares que nos convidam a todo instante a estarmos juntos e juntas, em comunhão, sentindo, escutando, observando e aprendendo uns com os(as) outros(as) e com o meio ambiente, porque aprendemos na vida e para a vida, e não para o próximo conteúdo ou o próximo ano. É urgente escutarmos as vozes das crianças e da natureza, para que a dança das nuvens no céu, o caminho das formigas nas árvores, o cantar dos pássaros e os pés sujos de terra e lama denunciem momentos de alegria e de plenitude da infância.

Na natureza tudo é um convite à aventura e à contemplação do belo, do infinito; lugar de ócio, lugar onde se cria o inesperado, lugar de boas vivências e bons encontros, lugar de aprendizagens que alimentam a curiosidade das crianças. Por isso é local de boas experiências de corpo inteiro. É um lugar de viver o real e perceber os diferentes ciclos da vida, e o que cada estação nos oferece e nos ensina.

Referências

ARAÚJO, C. de. *Entre corpos sensíveis*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Plásticas) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, [s. l.], 2015.

BARROS, M. *Memórias inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2006.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CAPRA, F. *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. 9. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2004.

CORNELL, J. *Guia de atividades para pais e educadores*. São Paulo: Aquariana, 2008.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LOUV, R. *A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza*. São Paulo: Aquariana, 2016.

PIORSKI, G. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.

TIRIBA, L. *Educação Infantil como direito e alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018.

VALÉRIO, V. G. A. *As interações e o brincar na e com a natureza: construindo uma infância desemparedada na creche*. 2021. 207p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2021.

Recebido em abril 2020.

Aprovado em outubro 2022.